



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8

Rádio-Escola: a comunicação como prática educativa



ALESSANDRA OLIVEIRA ARAÚJO

Universidade Federal do Ceará e ONG Catavento Comunicação e Educação

Resumo:

Este artigo faz uma análise de como a experiência de rádio-escola, desenvolvida pela ONG Catavento Comunicação e Educação, desde 2004, vem construindo um processo educativo, em instituições de ensino escolar e não-escolar de Fortaleza e do semi-árido cearense, tendo o contexto como base do processo de formação. O objetivo é perceber como a comunicação pode contribuir para aproximar a cultura juvenil, urbana e rural, dos conteúdos trabalhados pelas instituições de ensino em que o projeto de rádio-escola está sendo desenvolvido. Este texto aborda a importância do diálogo e da reflexão crítica como potencializadores de uma prática transformadora. Além de analisar como a experiência da rádio-escola vem ajudando na construção de uma nova prática educativa, pautada pela realidade local. O artigo também estuda como os jovens se apropriam dos meios de comunicação para que possam apresentar um ponto de vista diferente sobre seu território ou suas próprias vidas.

Palavras-chave:

Rádio-escola, educação dialógica e comunicação.

Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (Freire, 1998: 91)

1. Introdução - a comunicação nos espaços educativos

Os espaços educativos¹ poderiam constituir ambientes privilegiados de troca de saberes e construção de reflexões e práticas transformadoras, mas, em muitos destes espaços, principalmente os de educação-formal, a palavra ainda é privilégio dos educadores. A juventude, muitas vezes, não encontra um ambiente dialógico em que possa comunicar suas idéias e participar do ato de aprender e ensinar, mutuamente.

Um dos problemas mais debatidos quando se fala em escola e juventude é o distanciamento entre a cultura escolar e a cultura da juventude o que acarreta, como uma das conseqüências, a falta de interesse pelos processos educacionais desenvolvidos nestas instituições, já que, muitas vezes, o

¹ Aqui estão incluídos tanto os espaços de educação escolar quanto os de educação não-escolar.

conteúdo não possui uma relação com a realidade do educando. Este distanciamento é intensificado quando se fala da juventude das classes populares como afirma Magda Soares:

Nossa escola tem-se mostrado incompetente para a educação das chamadas camadas populares, e essa incompetência, gerando o fracasso escolar, tem tido o grave efeito não só de acentuar as desigualdades sociais, mas, sobretudo, de legitimá-las. (Soares, 1986: 06)

A cultura jovem é perpassada por um conjunto de valores, atitudes e comportamentos, muitas vezes conflitantes, que não se restringem à faixa etária. As diferenças sociais são um fator problematizante dos cenários juvenis, o que torna inevitável a compreensão não de uma, mas de várias juventudes. “O cenário juvenil se diversifica, inclusive com manifestações produzidas por grupos de origens sociais mais distintas” (Abramo, 1994: 55).

Diante da complexidade da cultura juvenil, é necessário aos ambientes educacionais instaurar espaços de negociação entre os jovens e os educadores, possibilitando uma troca de posições e visões de mundo que permitam uma aproximação entre estas duas culturas. Assim, acreditamos que um dos principais motivos deste distanciamento é a falta de espaços comunicativos que permitiriam uma maior participação da juventude.

A comunicação, compreendida como troca de conhecimentos, possui uma dimensão educativa que deve ser levada em conta já que “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (Freire, 1992: 69).

Entendemos que a sala de aula não é o único espaço de aprendizagem dos sujeitos e que a comunicação pode potencializar a formação de um ambiente dialógico que permita uma maior participação da juventude nas relações de ensino. Mas como estreitar essa relação entre comunicação e educação?

2. A rádio-escola como uma proposta de ensino dialógica

Uma proposta que vem sendo desenvolvida em várias instituições de ensino escolar e não-escolar, em Fortaleza e outras localidades do interior cearense, é a implantação de rádios em circuito interno. Equipamentos simples e de fácil manuseio como microfones; mesa de som; aparelho de som com gravador K7, CD e rádio AM-FM; e um amplificador são suficientes para o funcionamento de rádios nas escolas. Algumas caixas de som espalhas pelo pátio, cantina, refeitório, recepção, corredores e salas fazem com que o som chegue a todos os espaços desejados.

Mas o que poderia ser um novo ambiente de diálogo para a juventude, muitas vezes não é utilizado em todas suas potencialidades. Com a função de transmitir informes da diretoria ou de animar os intervalos com uma programação meramente musical, essas rádios assumem a função de sistema de som, deixando de lado as possibilidades de participação e representação da juventude, no momento em que se apropriar de um veículo de comunicação.

Mas e quando essas rádios assumem novas funções? Quando a juventude passa a produzir sua própria comunicação? O que acontece? O que muda? E quando a Rádio Escola é instalada em uma instituição educacional? Quais contribuições ela pode trazer para o processo de formação dos jovens que freqüentam este espaço?

Os meios de comunicação podem abrir nas instituições educativas um novo espaço em que as falas e lutas da juventude sejam representadas, em que educando e educador possam ampliar o diálogo existente entre eles.

Segundo Maria da Glória Gohn, a participação gera uma mudança de atitude e de representação dos sujeitos. Se antes os jovens se reconheciam apenas como alunos em suas

escolas, com a rádio-escola podem ser autores de suas histórias. Mas para que sistemas de som em circuito interno possam ser transformados em meios de disseminação de idéias e de transformação é preciso que a juventude se aproprie do processo produção, decodifique os mecanismos de utilização, percebam a dimensão participativa que o meio oferece e se reconheça como grupo capaz de produzir sua própria comunicação. A participação aqui é encarada como processo de escolha, mas também como um desafio em que fica difícil negar a transformação:

Entendemos a participação como um processo de vivência que imprime a um grupo ou movimento social, tornando-o protagonista de sua história, desenvolvendo uma consciência crítica desalienadora, agregando força sociopolítica a esse grupo ou ação coletiva, e gerando novos valores e uma cultura política nova. (Gohn, 2005: 30)

Para Paulo Freire, quanto mais os educandos conquistam espaços em que podem expressar suas reflexões, mais serão desafiados a continuar expressando e modificando o mundo.

Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo pronunciar. (Freire, 1983: 92)

Quando a juventude encontra um ambiente dialógico, em que é possível representar seus sonhos e pensamentos, ela tanto representa como também está construindo sua identidade cultural. A “identidade é ‘metamorfose’ constante, definindo-se de acordo com a aprendizagem e a vivência de novos valores, estilos e condutas” (Matos, 2004: 19), mas também é transformada à medida que refletimos e falamos sobre ela.

É através da comunicação que os grupos juvenis podem expor suas vivências. Mas, quando produzem seus programas de rádio, por exemplo, além de estarem representando suas identidades, também as estão reconstruindo. Segundo Stuart Hall (2001), as identidades estão em constante transformação, dialogam com os espaços cotidianos e possuem elementos novos e outros guardados na memória, então, em cada processo vivido pelos sujeitos eles são transformados.

Durante a produção de programas de rádio feitos por adolescentes do projeto Segura essa Onda: Rádio-escola na Gestão Sócio-cultural da Aprendizagem, que será analisado durante este artigo, uma temática que foi abordada em dois dos 16 programas – produzidos durante o processo de formação por uma das turmas – foi sobre o que deveria mudar na instituição educativa não-escolar em que freqüentavam, a Associação Curumins. Nos programas, a questão da merenda, dos brinquedos quebrados, da indisciplina de alguns colegas e também da necessidade de espaços de participação demonstraram o interesse daqueles jovens em participar, em serem ouvidos.

3. A experiência de rádio-escola

O projeto *Segura essa Onda: Rádio-escola na Gestão Sócio-cultural da Aprendizagem* consiste na formação de crianças, adolescentes e educadores em rádio-escola e na instalação de rádios, em circuito interno, nas instituições que recebem a formação. Esta experiência já foi desenvolvida em instituições de ensino escolar e não-escolar nos municípios de Crateús, Quixeramobim (em assentamentos rurais da região), Quixadá, Choró, Monsenhor Tabosa, Banabuiú e Fortaleza.

O *Segura essa Onda* é um projeto desenvolvido pela ONG Catavento Comunicação e Educação² desde 2004. A concepção dialógica da comunicação e educação, em que o *Segura essa*

² Fundada em 1995, a ONG Catavento possui uma equipe formada, fundamentalmente, por profissionais e estudantes de jornalismo e pedagogia; desenvolve 6 projetos em vários municípios do Ceará.

Onda é realizado, perpassa todos os projetos desenvolvidos pela entidade, que tem como foco a democratização de processos educativos por meio da comunicação e a potencialização de processos comunicativos por meio da educação, como explica sua missão: “contribuir para a compreensão do papel educativo da comunicação, priorizando os processos formativos com crianças, adolescentes e jovens do semi-árido brasileiro, buscando a democratização da produção e do acesso ao conhecimento”.

O processo de formação em rádio-escola e o acompanhamento da produção dos estudantes têm a duração 180 horas e acontece durante um ano letivo. A metodologia utilizada tem o objetivo de partir dos conhecimentos trazidos pelo grupo para que se possa desenvolver temas como a comunicação como expressão humana, leitura crítica dos meios de comunicação de massa, identidade cultural, técnicas radiofônicas, papel da comunicação na sociedade, juventude e outros assuntos que são definidos ao longo do processo pelos próprios participantes. As atividades práticas³ têm o objetivo de potencializar a autonomia dos participantes, com sua participação desde a escolha do tema, à produção e veiculação dos programas da Rádio Escola.

Após cada experiência, a equipe do projeto realiza um seminário de três dias para avaliar o processo, reconhecer os avanços e a necessidade de transformação em seu desenvolvimento. O diálogo entre profissionais da comunicação e da pedagogia levou ao reconhecimento de que era preciso construir uma prática pedagógica contextualizada, que tenha significação para os educandos; que os conceitos de comunicação não devem ser repassados, mas construídos durante o processo; e que a participação da comunidade na rádio-escola é fundamental para o processo de democratização da comunicação, assim, os participantes devem desenvolver atividades fora da escola.

O tempo de formação também foi ampliado. Em 2004, as oficinas eram realizadas em 80 horas, depois passaram para 120 e hoje o projeto é desenvolvido em 120 horas de oficinas com os estudantes, 24 horas de oficina de gestão e planejamento da rádio-escola e 36 horas de acompanhamento.

Os educadores das instituições de ensino também foram incorporados e uma formação específica sobre a utilização da rádio-escola em sala de aula é desenvolvida em paralelo com a formação dos estudantes e tem a duração de 80 horas, sem contar com as oficinas de gestão e com os acompanhamentos em que tanto os estudantes quanto os educadores participam, todos juntos. A participação dos educadores contribuiu para o aumento do diálogo com os estudantes e para a ampliação do potencial educativo da rádio-escola.

Mesmo durante o período de formação, educandos e educadores já começam a discutir, produzir e avaliar programas de rádio que contam as histórias de seu bairro, de sua comunidade; debatem os conteúdos aprendidos em sala; falam das suas angústias e de seus sonhos.

3.2 O rural e o urbano - a fala parte de um território

O conteúdo das produções é escolhido pelos próprios participantes que, muitas vezes, falam do lugar onde vivem, mostrando tanto uma necessidade de pertencer a um território em que possam apoiar sua cultura e fincar suas raízes, quanto de falar de sua terra, de sua vida. Marie-Christine Josso fala da importância de cada pessoa encontrar “seu devido lugar” para que tenhamos a noção de quem somos:

³ As atividades práticas são a escolha, produção, veiculação e avaliação de conteúdos a partir da utilização de formatos radiofônicos como a entrevista, notícia, enquete e rádio-teatro.

...cada pessoa à sua maneira, participa de uma questão essencial que gira em torno da possibilidade de encontrar “seu devido” lugar numa comunidade, de definir orientações de vida que satisfaçam um sentimento de integridade e de autenticidade e de colocar em evidência a formação dos sentimentos que dão um colorido ao “conforto de viver”. (Josso, 2004: 87)

A necessidade de participar de um grupo, de uma sociedade, de um lugar que possa identificar como lar é fundamental para a construção de uma identidade coletiva, em que as pessoas possam compartilhar formas de habitar aqueles espaços. Stuart Hall (2001) fala da importância de estarmos “eticamente situados”, já que todos falamos a partir de um lugar, de uma história de vida, de uma experiência.

Um exemplo de como falamos a partir de um lugar foi a escolha das temáticas do rádio-teatro⁴ produzido por equipes de participantes das oficinas de rádio-escola desenvolvidas em Monsenhor Tabosa, no Assentamento Santana, em 2006. Cada equipe escolheu seu tema sem socializar com o restante do grupo, depois produziram seus roteiros e gravaram o rádio-teatro em gravadores portáteis. Ao ouvir as produções, os próprios participantes perceberam que todas as equipes escolheram a mesma temática: a vida em Santana. Mas cada história foi contada de forma diferente, uma equipe falou sobre as dificuldades da terra e o êxodo rural; outra abordou a importância da vida em comunidade e da história de união que estava sendo construída no assentamento; outra falou dos animais e da roça.

Em todas as formações, existem momentos de reflexão em que os participantes avaliam suas produções e as da grande mídia. Uma queixa constante é a de que aquelas pessoas não se sentem representadas pelos meios de comunicação de massa.

Numa oficina realizada em 2004, com estudantes de três escolas públicas que ficavam entre o Edson Queiroz, Alvorada e Lagoa Redonda, bairros da periferia de Fortaleza, a primeira atividade do dia tinha como ponto de partida a pergunta: O que você vê da janela de seu quarto? Então, os jovens representaram em desenhos um cotidiano cheio de brincadeiras, pessoas e árvores.

A próxima atividade foi uma “chuva de idéias” em que os adolescentes falavam todas as imagens que vinham em sua cabeça para descrever um jovem de periferia. Nas falas, questões como a violência, a marginalidade e as drogas vieram à tona como os principais elementos para descrever este jovem. As palavras foram escritas na lousa e comparadas com os desenhos da atividade anterior. Todas as pessoas que participavam da formação eram jovens, tinham entre 14 e 18 anos, e viviam em bairros considerados de periferia, mas nenhum representou em seus desenhos as palavras que usaram para descrever o jovem de periferia.

Então, eles argumentaram que não são representados pelos meios de comunicação como as pessoas felizes dos desenhos, mas como o jovem marginal que descreveram. A última atividade do dia foi a construção de informativos mostrando a forma como gostariam de ser representados. Os textos explicavam que não é só de violência que vive a periferia, que queriam ser reconhecidos como jovens que estudam e que possuem sonhos e responsabilidades.

Outra experiência, desenvolvida durante uma formação realizada em Crateús, sertão cearense, em 2005, em que os participantes tinham que montar um boneco para representar o jovem do semi-árido, mostrou que a juventude rural também não se sente representada pelos meios de comunicação de massa. Papel, panos, cola colorida e outros materiais improvisados deram forma a um boneco sem dentes, com uma enxada na mão e roupa rasgada. O boneco representava qual imagem a mídia passava da juventude rural, enquanto eles queriam ser reconhecidos como jovens “trabalhadores, lutadores e inteligentes”, para utilizar algumas palavras citadas por eles.

⁴ Uma das primeiras técnicas abordadas nas formações em rádio-escola é o rádio-teatro, pelo seu caráter lúdico e pela proximidade com as apresentações de teatro ou esquetes, comum nos grupos de jovens das comunidades rurais e urbanas em que o *Segura essa Onda* é desenvolvido.

3.3 *Leitura do contexto*

A percepção da importância de se apropriar dos meios de comunicação para que possam apresentar um ponto de vista diferente sobre seu território ou suas próprias vidas é logo percebida, mas para isso é necessário que os jovens façam uma leitura crítica do seu cotidiano e dos conteúdos dos meios de comunicação de massa. O primeiro passo é perceber que se sua vida ou sua comunidade está sendo representada de forma equivocada isso também pode estar acontecendo com outros conteúdos.

Durante a formação realizada em Monsenhor Tabosa, algumas atividades proporcionaram reflexões de como os meios de comunicação de massa influenciam nossa percepção do mundo. Numa delas, os participantes ouviram uma música⁵ que começava com uma notícia radiofônica sobre a morte de um jovem que portava dois papérols de cocaína. A notícia só informava a cor da camiseta, a forma da morte e o local, mas os participantes da oficina já colocavam que ele deveria ser um “marginal” que estava assaltando e a polícia chegou a tempo de impedir.

Depois da notícia, a música começa a contar quem era aquele rapaz, qual o seu nome, quem era sua família, onde vivia, como aconteceu o seu encontro com as drogas, a influência dos amigos, até que chegasse o dia em que Robson morreu. Depois de ouvir a música, todos mudaram de opinião com relação ao jovem. Agora eles sabiam o que tinha acontecido com o Robson e não o enxergavam mais como um “marginal”, e sim como um garoto que “começou a vacilar”, como diz a música, e tinha toda uma história de opressão e pobreza que o levou a fazer certas escolhas.

A avaliação da atividade gerou depoimentos de como eles, jovens do semi-árido, percebiam a juventude urbana e de como essa imagem era influenciada por notícias como a que foi apresentada antes do início da música, em que não se conta a motivação dos fatos, não se contextualiza nada. Então, ao produzir seus programas para a rádio-escola, um ponto que não poderia ser esquecido seria a contextualização.

O reconhecimento de sua realidade é o primeiro passo para a sua reconstrução, ou seja, “a localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo” (Freire, 1992: 86). É a partir de uma leitura crítica de seu próprio contexto que se torna possível refletir sobre o mundo, fazendo paralelos, percebendo as semelhanças e diferenças entre seu contexto e os outros.

3.4 *Reescrita do mundo*

É a compreensão de que cada vida faz parte de uma trama, de que tudo está interligado, que é possível perceber a importância de se debater nos programas da rádio-escola questões como a pirataria no Brasil, o aquecimento global e o conflito na Palestina.

Uma dificuldade dos mediadores da oficina em rádio-escola era como trabalhar da história do rádio de forma significativa para os participantes. Sem encontrar uma relação entre a história do rádio no Brasil e a realidade local, este conteúdo era repassado por meio de livros, com uma linguagem, muitas vezes, desapropriada. A partir da indicação da articulação pedagógica do projeto de que todo conteúdo deveria partir da realidade local, a equipe de mediação das oficinas da Monsenhor Tabosa desenvolveu uma atividade em que os participantes deveriam se dividir em equipes e fazer entrevistas com os moradores mais antigos do assentamento.

O objetivo era conhecer a história do rádio através das lembranças das pessoas que viveram a época do seu surgimento. Com as entrevistas, foi possível construir alguns marcos históricos como o ano em que uma das fundadoras do assentamento ouviu rádio pela primeira vez, a época em que os

⁵ Música Rabisca Robson, do grupo musical brasileiro Farofa Carioca.

entrevistados não perdiam um capítulo de rádio-novela e o surgimento da televisão na vida daquela comunidade.

Os marcos históricos apontados nas entrevistas formaram uma linha do tempo em que os mediadores puderam incorporar fatos da história do rádio no Brasil. Depois, os participantes analisaram como o que estava acontecendo em outras regiões tinha relação com o cotidiano de sua família, de seus avós, que são sujeitos históricos, assim como eles podem e devem ser. Mas a percepção de sua realidade exige um certo distanciamento, assim como é necessário “olhar de fora” seu contexto para poder comunicá-lo, como afirma Martín-Barbero:

No existe comunicación directa, inmediata, toda comunicación exige el arrancar-se al goce directo, primário, elemental, de las cosas, todo comunicar exige alteridad e impone una distancia. La comunicación es ruptura e puente: mediación. Entre dos sujetos, por más cercanos que se sientan, está el mundo em su doble figura de naturaleza e historia. (Martín-Barbero, 2001: 31)

4. A fala da juventude

Ao reconhecer sua realidade, os sujeitos têm a possibilidade de perceber seu contexto criticamente, podendo, assim, transformá-lo. Paulo Freire falava que toda reflexão crítica gera uma ação crítica, desta forma, ao perceber seu contexto, os sujeitos estão construindo uma nova forma de atuação.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. (Freire, 1983: 92)

Mas a linguagem juvenil, principalmente das classes populares, muitas vezes, não é aceita na escola, que adota uma linguagem, a das classes dominantes, como a única que deve ser legitimada. Magda Soares afirma que esta situação gera um silenciamento da juventude nos espaços educacionais:

Em situações socialmente assimétricas de interação verbal, o falante, antecipando uma não-aceitabilidade de seu discurso, tende a autocensurar-se: o silencia (que, na verdade, é uma silenciamento) ou o uso reticente e lacônico da língua são indicadores de censura prévia a que ele submete seu desejo ou direito de expressar-se. (Soares, 1986: 58)

Martín-Barbero (2002) explica que impedir de falar a sua palavra é impedir de construir o seu mundo e a si próprio e que a escola é um local em que a voz é sufocada. Mas se ela também pode ser percebida como um espaço de aglutinação da juventude, com um potencial criador, onde podem ser construídos sonhos e reescritas histórias de vida e de atuação. Só que para isso é necessário que ela assuma seu potencial transformador. Neste processo, a rádio-escola pode ser percebida como um espaço onde a fala da juventude e da comunidade é, também, legitimada.

A experiência de rádio-escola analisada neste texto tem como princípios a construção de conhecimentos a partir do contexto e a democratização da comunicação como uma ruptura dos silêncios nas instituições de ensino escolar e não-escolar. Mas a transformação da concepção de ensino precisa passar por todo processo educacional. É necessário construir uma educação dialógica, significativa e baseada no contexto tanto na rádio-escola, como nos outros ambientes de aprendizagem.

A rádio-escola pode potencializar esta transformação, tornar o processo de aprendizagem mais dialógico. A própria produção dos programas exige uma abertura dos educadores e núcleo gestor que será indagado e poderá ser questionado de acordo com a temática escolhida. Como os assuntos que

motivam a produção dos programas geralmente são pautados pelo contexto, os problemas dos ambientes educacionais; a relação educador/educando; e sugestões de mudanças nestes ambientes são possíveis temáticas a serem debatidas durante a programação.

Os meios de comunicação nas escolas podem potencializar uma concepção de educação pautada pela construção de um conhecimento problematizado pelo mundo, mas é necessários educandos e educadores estejam abertos para esta transformação. Uma educação contextualizada e problematizadora vai gerar uma demanda por participação que a instituição de ensino deve estar preparada para acolher.

Ao romper com o silêncio, a juventude urbana e rural passa a produzir seus próprios conteúdos e a atuar como autores de suas histórias. Mas ser autor de nossa história exige uma liberdade que seja capaz de “formar propósitos e levá-los a efeito” (Dewey, 1776). Ou seja, a compreensão de que somos livres para construir nossas experiências, mesmo que condicionados pelo meio em que estamos inseridos, gera uma responsabilidade de não mais agir como espectador. A participação aqui é encarada como processo de escolha, mas também como um desafio em que fica difícil negar a transformação:

Entendemos a participação como um processo de vivência que imprime a um grupo ou movimento social, tornando-o protagonista de sua história, desenvolvendo uma consciência crítica desalienadora, agregando força sociopolítica a esse grupo ou ação coletiva, e gerando novos valores e uma cultura política nova. (Gohn, 2005: 30)

Os meios de comunicação na escola podem ampliar os espaços de participação da juventude e potencializar um diálogo que torne possível uma aproximação entre a cultura escolar e juvenil. Com experiências como a da rádio-escola a juventude está construindo uma forma de partilha e conquista da sua palavra.

Bibliografia

- Abramo, Helena Wendel (1994). *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta.
- Araújo, Alessandra Oliveira (2005). *A Identidade da Juventude nos Jornais Estudantis: análise dos jornais produzidos por adolescentes que participam do projeto Clube do Jornal*. Universidade de Fortaleza.
- Dewey, John; tradução Anísio Teixeira (1776). *Experiência e Educação*. 2ª ed. São Paulo: Ed, Nacional.
- Escosteguy, Ana Carolina D. (2001) *Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Freire, Paulo (1983). *Pedagogia do oprimido*, 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1992) *Extensão ou comunicação?* São Paulo: Paz e Terra.
- _____. (1992) *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gohn, Maria da Glória. (2001) *História dos Movimentos e Lutas Sociais: a construção da cidadania dos brasileiros*. 2ed. São Paulo: Edições LOYOLA.
- _____. (2005) *O Protagonismo da Sociedade Civil: movimentos sociais, ONG's e redes solidárias*. São Paulo: Cortez.
- Hall, Stuart. (2001) *A identidade cultural na pós-modernidade*, 6 ed. DP&A.

- Josso, Marie-Christine; tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. (2004) *Experiência de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez.
- Martín-Barbero, Jesus. (2001) *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- _____. (2002) *La Educación desde de la Comunicación*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.
- Matos, Kelma Socorro Lopes de Matos (Org.); (2004) *Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola: a favor da diversidade*. Fortaleza: Ed. UFC, Col. Diálogos Intempestivos, v. 13.
- Soares, Magda. (1986) *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. 2ed. São Paulo: Ática.
- Souza Santos, Boaventura. (1994) *Pela mão de Alice: o social e o político na pós- modernidade*. Porto: Afrontamento.

* Artigo faz parte da pesquisa de mestrado em Educação da Faculdade Federal do Ceará que está sendo desenvolvida pela autora.

Alessandra Oliveira Araújo
Jornalista, mestranda em educação pela Faculdade Federal do Ceará e membro da ONG Catavento Comunicação e Educação.